

Vende-se sonhos

Eduardo Mahon

Um sonho, por favor. A senhora quer um pequeno, médio ou grande? E há diferença? Evidentemente há: o sonho grande é aquele que dará a sensação de estar ocupada a noite toda. Mas durmo mal. Bem, então compre um médio. Perfeito, vou querer um sonho médio então. Bom ou mau? Como assim? Perguntei se a senhora quer sonhar com coisas bonitas ou feias. Ah sim... e quem quer ter pesadelos?! Muita gente, ora. Há clientes que pedem muitas coisas diferentes, suplícios de toda a natureza. Não é o meu caso. Pois então quer um sonho bom. É isso, um sonho bom. Com que tema? Posso escolher qualquer tema que eu quiser? Não, senhora. Temos os temas listados aqui no cardápio, dê uma olhada. Já escolhi – quero um sonho de amor. Com homem? Com homem, claro, não me dou com certas modernidades. Pois não. A senhora quer um homem mais jovem, da mesma idade ou mais velho? Eu sempre fiquei com homens mais velhos, mas no sonho, vou tentar um mais jovem. Naturalmente. Naturalmente o quê? Está me chamando de velha? É claro que não. Estou a falar apenas que, nos sonhos, temos a tendência de nos permitir coisas inéditas. Pois bem, quanto fica o sonho? São dois mil e quinhentos. Quantos? Dois mil e quinhentos. Mas isso é um absurdo! Sinto muito, senhora, mas é o preço. Dois mil e quinhentos por um sonho com um rapaz mais jovem? O amor é caro, a

senhora há de convir. Pensei que fosse de graça. Não, senhora. O amor é das coisas mais raras. Isso é fato. Então, concordamos. Mas dois mil e quinhentos é demais para o meu bolso. A senhora pode optar por um homem mais velho, o que parece? De forma alguma. Vou lembrar do meu ex-marido que fez do casamento um inferno. Pense comigo: a senhora vai sonhar com um amor perfeito e não terá que pagar por roupas novas, maquiagem, bolsas e sapatos, percebe a economia? Sem dúvida, mas não tenho esse dinheiro comigo. O amor então fica para depois? Eu vivo adiando, me falta a vontade e, quando a tenho, carecem os meios. Nesse caso, a senhora pode mudar de um tema para outro, mais barato. Qual o senhor me recomenda? Veja aí no lado esquerdo do cardápio. Viu? Vi sim: sonho de voar, sonho de ser rica, sonho de escalar montanhas, sonho de ser invisível, sonho de cantar ópera, sonho de nadar com baleias. Sim, senhora, estes estão abaixo de oitocentos. Ainda assim, é muito dinheiro por um sonho, ainda mais um médio. Compreendo. Temos, por fim, uma promoção. Promoção? Foi o que eu disse. Quais os sonhos mais baratos? Aqui estão os sonhos políticos. Como é que



funcionam eles? São sonhos curtos, onde o sonhador vira político, temos disponível o sonho de deputado, de senador e de presidente da república. Mas eu pensei que esses fossem os mais caros. Não senhora, são baratos porque começam bem, perdem-se no meio do caminho e viram pesadelos em alguns casos. Como é que pode um sonho virar pesadelo? Sonho de político vem com defeito da

fábrica, minha senhora, produto de ponta de estoque. Não tenho muita escolha, vou levar um desses. São quatrocentos e cinquenta. Sim senhor, mas pago depois de sonhar, não? Não senhora, sou obrigado a cobrá-la adiantado. Por quê? Todos os outros são pagos apenas depois de sonhar, menos estes: é que, depois que os clientes têm sonhos políticos, não querem pagar por mais nada.



Encosto

Eduardo Mahon

Em qualquer terreiro ou mesa branca, a mulher era *persona non grata*. E que, à noite, a solitária médium entregava-se aos prazeres da carne com as tentações dos espíritos. Das muitas almas com as quais conversava frequentemente, apaixonara-se perdidamente por Alfredo e Henrique teimando na infidelidade de um para com o outro. Alfredo era um homem alto e magro, um médico de meia-idade que desencarnara há mais de oitenta anos. Henrique, ao contrário, havia três anos que se espatifara num poste em alta velocidade com a moto, num racha com o melhor amigo. Bonitão, vestia-se de jaqueta de couro, calça desbotada e levava um brinco de ouro na orelha esquerda. Estava dividida. Mas era a diversidade que excitava a sensitiva. Alfredo era o amor seguro, a conversa prazenteira, a companhia serena e o sexo tranquilo. Cheio de dedos, avisava com antecedência que iria chegar, oferecendo um calafrio na mulher que o esperava enquanto lavava a louça do jantar. Os pelos eriçados faziam a médium sorrir, sentindo o bigode roçar no pescoço, quando Alfredo agarrava-a por trás. Fechava a água da pia, tomava um banho morno, punha para rodar um disco de bolero e deitava-se nua na cama, a fim de sentir o corpo gelado do parceiro. De olhos fechados, suspirando baixo, sentia o beijo calmo nos seios, as mãos nos cabelos, o membro teso a penetrar-lhe com delicadeza, em movimentos tão lentos quanto compassados. Gozava assim, amando. Henrique chegava pela manhã. Sem aviso, quando o outro inquilino já havia sumido. Enfiava-se nu com ela, no chuveiro. E, quando menos esperava, a mulher já estava sendo comida pelo rapagão, quase sempre por trás em estocadas vigorosas. De olhos abertos e dentes cravados nos lábios, gritava com o desconforto inicial causado pelo macho viril que lhe apertava os mamilos e enfiava um ou dois dedos por trás - mete, filho da puta. Tremia com a língua enterrada na bunda, uma das muitas saliências de

Henrique responsáveis por instigar a mulher ao sabor do proibido. Presa pelos cabelos, a médium sentia as ondas quentes do orgasmo escorrendo pelas pernas trêmulas e, depois, era abandonada sem mais nem menos. Quando descobriram que a sensitiva abusava dos espíritos que rogavam orientação, ela foi proscrita do meio. Afinal de contas, Alfredo era casado. Era, mas não é mais, protestava. De mais a mais, o homem havia morrido e, provavelmente, a mulher também já havia passado desta pra melhor. Não adiantou a objeção. Nunca mais colocou o pé numa sessão de mesa branca, umbanda, candomblé, ou seja lá onde os espíritos reclamem no além. Para os caretas, gente viva não se dava com gente morta. E ponto final. Esses cabrestos éticos que atacavam a comunidade espírita não a acometiam, todavia. Foi apontada como imoral, irresponsável, demente. Nada disso afastava o chamego com Alfredo, tampouco com Henrique, do sexo amoroso com o primeiro e da trepada tórrida com o segundo - bigamia atípica na vida, que dirá na morte. O caso desfez-se de supetão. Depois de dormir feliz nos braços de Alfredo à noite e, pela manhã, cavalgar Henrique, foi surpreendida com outro espírito a perambular pela casa. Já pronta para o trabalho, tomou o café amargo que fazia, comeu meio pão francês, deixou ração para o cachorro, sentiu um perfume conhecido e estremeceu. Olhou em volta de si e não viu nada. Mas mulher não falha com perfumes, seja lá de vivos ou de mortos. Procurou aquela presença opressora na cozinha, no banheiro, na sala e, vasculhada a casa, partiu para o quarto. Sobre a cama já feita, estava lá o ex-marido nu, masturbando-se freneticamente, sorrindo para ela. Meu bem, morri há três semanas, disse o encosto. Sentindo-se usada, parou para pensar no que diziam dela, no além. Aos prantos e palpitações, saiu correndo de casa e converteu-se numa igreja evangélica.